

DOSSIÊ: CIDADES EM CONFLITO, CONFLITOS NAS CIDADES



Apresentação

JOÃO SETTE WHITAKER FERREIRA

Com a colaboração de KARINA DE OLIVEIRA LEITÃO

É cada vez mais evidente que as cidades no mundo estão em ebulição. Desde 2007, mais da metade da população mundial é urbana, e a pobreza no mundo exacerba-se na desigualdade das cidades. Os ciclos virtuosos de crescimento econômico sob a égide do capitalismo, embora festejados, reforçam um modelo de cidade irracional e insustentável. Antagonicamente, no capitalismo dominante, crescimento econômico é sinônimo de concentração das riquezas, o que no meio urbano se reflete no aumento generalizado da informalidade, da precariedade habitacional e da segregação e das injustiças espaciais.

Seria um erro acharmos que essa é uma mazela exclusivamente brasileira. Na lógica capitalista, como nos mostra Flávio Villaça neste dossiê, toda e qualquer cidade está sujeita a ferozes disputas por localizações. Estado, mercado e sociedade são os atores de um conflito que nada mais faz do que espacializar e territorializar as tensões econômicas e sociais. Como diz Tom Angotti, não podemos nos deixar enganar pela falácia de que o problema urbano diz respeito à própria cidade, e não às relações sociais que governam a sociedade.

Se a cidade capitalista é estruturalmente um espaço de conflitos em qualquer parte do mundo, é um fato que a condição histórica de dependência externa e subdesenvolvimento, marcada pela herança escravocrata, pela violência impressa em sua formação social e pela dominação patrimonialista, exacerba ainda mais a tragédia urbana que assola as cidades da América Latina, como nos mostra Tom Angotti em seu artigo.

Não só no nosso continente, como também nas cidades capitalistas de todo o mundo, mergulhadas em um conflito estrutural decorrente da própria lógica de formação, estouram conflitos urbanos reivindicando o direito à cidade. A corda está tensionada ao extremo, delimitando um tênue equilíbrio entre civilização e barbárie, para usar a consagrada formulação de Domingo Sarmiento. Mas hoje não há dúvidas de que, como mostraram por aqui as manifestações de 2013, quando a corda estourar, será no cerne de conflitos urbanos. Como coloca Agnès Deboulet neste dossiê, generaliza-se pelo mundo a ação coercitiva do grande capital, em todas as suas facetas, associado ao poder público, para promover dinâmicas de “renovação urbana” que se valem da aplicação tendenciosa da lei (ou da não aplicação), da ideologização de modelos urbanos comercialmente “desejáveis”, das remoções forçadas e da violência sobre os mais pobres, a fim de promover o domínio absoluto da cidade do mercado, exclusiva das classes dominantes.

No que isso vai dar? Gabriel Feltran procura demonstrar como, no Brasil, nem o trabalho nem o direito nem a filantropia nem o dinheiro têm sido capazes de mediar os conflitos urbanos, que passaram a ser enfrentados por uma nova gramática, a da guerra: “O declínio figura do trabalhador cidadão, que se move no espaço público, centro da cidade moderna, faz reemergir, em sua contraposição, a figura do inimigo interno e da privatização da experiência, marcada por fronteiras urbanas a vigiar e bandidos a combater”. Uma gramática que, como apontou Agnès Deboulet, afeta de maneira muito mais drástica os jovens pobres e negros de diversas cidades do mundo.

Essas são as temáticas de reflexão que este dossiê traz ao leitor.